"Chamo-me Sandra, tenho 34 anos, estou desempregada"

Reúnem-se em salas de juntas de freguesia, fundações, escolas. Já existem grupos de entreajuda contra a desmotivação, o isolamento e a depressão causada pelo desemprego

Andreia Sanches

Juntam-se, semanalmente, ou de 15 em 15 dias, em escolas, fundações, associações, juntas de freguesia. Alguns estiveram habituados a uma vida "a 300 por cento à hora, a levar trabalho para casa à noite, a trabalhar aí fins de semana" e, de repente, acordam de manhã e não têm para onde ir. Há quem já tenha interiorizado a nova rotina – ver anúncios nos jornais e na Internet, ir a entrevistas de trabalho, esperar por uma resposta e não desesperar. Outros, ainda sofrem a "ressaca" – não falta quem aos 30 ou 40 anos esteja agora a viver os seus primeiros dias como desempregado. "Havia 10 anos que não fazia um currículo."

O Grupo de Entreajuda na Procura de Emprego (GEPE) que se reúne nas instalações do Centro Universitário Padre António Vieira, em Lisboa, – um dos 15 que já estão a funcionar em diferentes partes do país – acabou recolher o PÚBLICO com a condição de que os nomes dos seus membros não fossem divulgados nas páginas do jornal.

Juntam-se em círculo e começam por fazer um balanço do que fizeram com a vida desde a última vez em que estiveram juntos. "Foi a uma conferência sobre empregabilidade", diz uma das participantes. "Criei uma página no Facebook. Acabada, para podermos ir trocando informações entre reuniões", conta outra. Se há alguns elementos novos, tudo começa com esta apresentar-se. Qualquer coisa como isto: "Chamo-me Sandra, tenho 34 anos e estou desempregada desde Janeiro de 2011..." Uma espécie de "Desempregados Anónimos"? A metodologia dos GEPE tem pontos em comum com a que é usada noutros contextos de auto-ajuda, mas o objectivo é diferente.

Para Gisela, desempregada desde Janeiro, a reunião é que o PCM.010 assim será a sua primeira. Licenciou-se em Biologia, fez uma pós-graduação em Gestão, trabalhou 20 anos numa empresa que fazia reagentes e que acabou por falir. "Entrei no desemprego em Janeiro. Não sei o que quero fazer. Estou naquela fase que não é capaz nem pense. Tenho 45 anos. Estou um bocadinho à toa, a tactear. Isto é tudo novo para mim", explica aos restantes participantes.

Há ainda Rita, 40 anos, engenheira do ambiente; Catarina, 32, gestora de marketing; Maria, 25, engenheira civil – a mais nova do grupo, uma das mais comunicativas; Beatriz, 46, dez anos de indústria farmacêutica; Ana, 28, assistente de serviço social que decidiu fazer uma formação para combater de acção médica porque não tem encontrado nada na sua área; João, 38, jornalista... e mais.

Nesta pequena sala cheia de reproduções de Vincent van Gogh penduradas nas paredes há rostos fechados e olhares apreensivos, mas também rostos sorridentes, cheios de esperança no ver. "Gostava de trabalhar numa multinacional", afirmará uma das desempregadas. "Gostava de ir para Macau", afirma outra. Aqui estão todos à procura da melhor estratégia para dar a volta numa altura em que o Governo já fez saber que a taxa de desemprego vai continuar a subir – actualmente é de 15,2%, segundo o Eurostat.

João já está por tudo. Parece pouco à vontade sentado junto a estas pessoas que ainda conhece mal. Explica que "tanto mandou currículos a oferecer-se para servir às mesas, como para trabalhar na área dos recursos humanos ou fazer jornalismo. Hoguera em todas as direcções e há quem, no grupo, questione se tem realmente uma estratégia – mas sempre as conversas são fáceis. O resto não é fácil. "Isso atrapalha-me. Porque estás a competir com o meu filho que tem 18 anos, foi o 5.º ano e trabalha por pouco mais de 300 euros", diz Beatriz para João – que não lhe responde, baixa os olhos.

Beatriz é uma das que está há mais tempo desempregada. Com alguma revolta diz que ainda não "chegou lá" – fase de aceitar qualquer coisa para receber o ordenado mínimo". Virou-se para o empreendedorismo. Tem mais ideias para projectos do que dias úteis. Criou uma fanzine da universidade, costuma dizer. "Não preciso de mais ideias. Só preciso de pessoas que queiram concretizar isto comigo, alguém que me diga: "Vamos lá." Acredito que há mais pessoas como eu, só não sei onde é que estão."

O GEPE foram projectados pelo Instituto Padre António Vieira, uma associação vocacionada para reflexão sobre migrações e inovação social. Combinam um modelo baseado na flexibilidade, contorna Abreu. "Não precisa de mais ideias. Só precisa de pessoas que queiram concretizar isto comigo, alguém que me diga: "Vamos lá." Acredito que há mais pessoas como eu, só não sei onde é que estão."

O GEPE foram projectados pelo Instituto Padre António Vieira, uma associação vocacionada para reflexão sobre migrações e inovação social. Combinam um modelo baseado na flexibilidade, contorna Abreu. "Não precisa de mais ideias. Só precisa de pessoas que queiram concretizar isto comigo, alguém que me diga: "Vamos lá." Acredito que há mais pessoas como eu, só não sei onde é que estão."

Num texto escrito para o lançamento do projecto, em 2010, o ex-alto comissário para a Imigração recordava que não é por acaso que os estudos da Organização Mundial de Saúde mostram que por cada 1% de aumento da taxa de desemprego há, em média, um aumento de 0,8% na taxa de suicídio. Nestes grupos procura-se obviar "a desmotivação, o isolamento e a tendência depressiva a que o desemprego muitas vezes conduz". Mas não só. A ideia é que cada membro do grupo pesquise possibilidades de trabalho para todos os "colegas". Estar num GEPE quer dizer multiplicar por dez as redes de contactos, explica ainda Rui Marques, porque as pessoas partilham pistas de oportunidades, números de telefone.

Por outro lado, cada grupo tem em geral tem entre oito e 12 pessoas com dois animadores – com formações diversas – que garantem que um conjunto de temas relevantes para a empregabilidade são debatidos. "Reconhecimento de Traços de Personalidade", "Gestão de Conflitos", "Networking" são apenas alguns dos que é suposto abordar durante as sessões. Com o patrocínio do Montepio, o Instituto Padre António Vieira editou mesmo um guia que serve de base aos grupos. Foi também assinado um protocolo com a Cáritas. Para participar, basta querer e ser assistido. Não se paga nada e todos os animadores são voluntários.

Cristina Correia, 44 anos, dos animadores. Este é o grupo de Beatriz e João, anteriormente, já vezes que Uma hora e meia depois, se vão pedir o contacto de amanhã e depois de 20 anos com um ordenado de consultadoria financeiro decidiu com vida com horários menos e mais adequados aos seus cinco e um próprio negócio.

Cristina Correia, 44 anos, dos animadores. Este é o grupo de Beatriz e João, anteriormente, já vezes que Uma hora e meia depois, se vão pedir o contacto de amanhã e depois de 20 anos com um ordenado de consultadoria financeiro decidiu com vida com horários menos e mais adequados aos seus cinco e um próprio negócio.